

**DO ESTADO TOTALITÁRIO À LITERATURA: SOCIEDADE E POLÍTICA
EM FAZENDA MODELO, DE CHICO BUARQUE E ANIMAL FARM, DE
GEORGE ORWELL**

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira (UNEMAT)¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre as obra *Fazenda Modelo* de Chico Buarque e *Animal Farm* de George Orwell, considerando as suas semelhanças e rupturas. As obras articulam-se no plano distópico, interseccionando a estética literária com a realidade social, uma vez que utilizam animais para efetivar uma crítica a sistemas políticos. A narrativa de Orwell crítica os regimes totalitários, materializado através da representação do socialismo russo; já na obra de Chico Buarque temos a representação da Ditadura Militar brasileira.

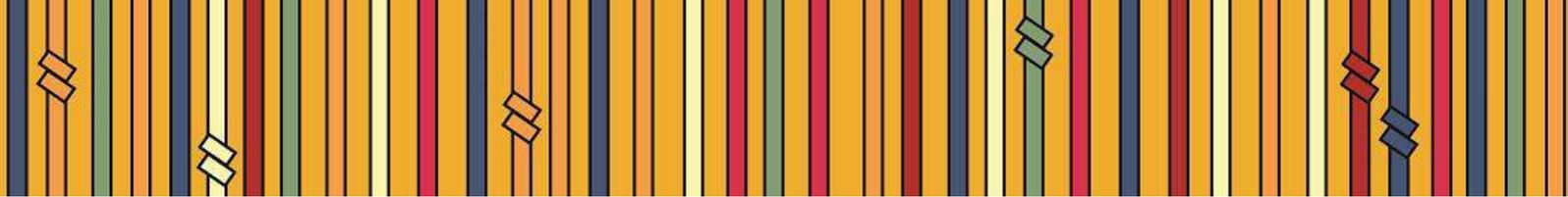
Palavras-chave: *Fazenda Modelo*; *Animal Farm*, Literatura; Sociedade

Ao longo da história literária, diversos escritores perceberam a necessidade de produzir obras que impactassem de maneira mais direta na sociedade, levando ao público leitor uma provocação em aberto sobre desajustes nos âmbitos da política, economia e outros setores sociais. A partir do século XX, devido aos episódios de guerras e regimes totalitários mundiais, essas motivações tornaram-se uma constante nos diversos gêneros textuais de sistemas literários distintos. Tal vertente literária tomou corpo porque articula o plano estético ao sociocultural, permitindo aguçar a consciência crítica dos leitores.

Esses elementos nos direcionam para a discussão proposta pelo alemão Walter Benjamin (1987) em *O autor como produtor*, pois, segundo ele, a eficácia da atividade literária se materializa na união entre o político e o estético em um mesmo plano. Dialogando com essa questão, Theodor Adorno (2012), no texto *Posição do narrador no romance contemporâneo*, afirma que a experiência de guerra muda a maneira de narrar em decorrência de questões ideológicas que percorrem no discurso. Portanto, tem-se um novo tipo de narrador ancorado nas experiências de guerra.

Além desses teóricos, outros lançaram o olhar para a relação da obra literária com a sociedade. As teorias sociológicas da literatura concebem que as experiências do autor percorrem a escrita de sua obra de modo voluntário ou não. Essa questão conversa com o pensamento de Sartre (1969), de que a literatura é uma escolha e uma forma de luta sem que necessariamente precise de arma.

¹ Doutoranda em Estudos Literários (UNEMAT). Contato: thainaaroliveira@gmail.com.



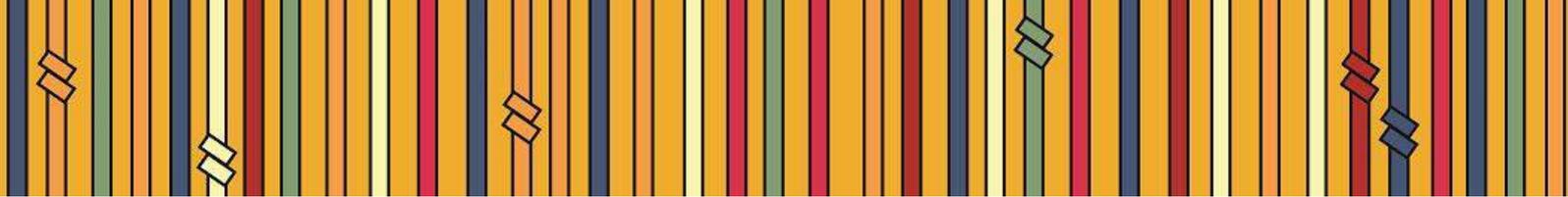
No interior dos estudos no Brasil, o crítico Antonio Candido (2006), mostra que o posicionamento sociológico em relação à literatura ergue-se pelo cruzamento de três elementos-chaves: autor, obra e público, uma vez que, a partir do momento que o estudo concentra-se nesses componentes, temos uma metodologia não limitadora a um simples relato da realidade; ao contrário, o estudo tende a ser construído pela fusão do estético com o social.

Somando a essa discussão, Paul Ricoeur, ao revisitar o conceito clássico da natureza mimética, concebe a narrativa como forma de materializar o tempo. Para o filósofo francês, a *mimesis* divide-se em três fases da produção literária: a *mimesis I*, o contexto em que a obra se insere; a *mimesis II*, a configuração desse contexto, e *mimesis III* quando o leitor apreende essa realidade através do material artístico. Conteúdo e a forma são dois componentes fulcrais da atividade literária, pois lembrando Antonio Candido (2006), em *Literatura e Sociedade*, é a união desses elementos que torna visível a historicidade e o sentido de uma obra de criação.

A literatura pensada sob essas bases implica em considerar o posicionamento do escritor em relação à situação vivenciada naquele momento, transformando suas produções em olhar crítico da realidade social. Tais características estão presentes em diversos escritores, entre os quais destacamos e escolhemos como fonte para esse estudo, George Orwell e Chico Buarque, considerando que suas obras são permeadas pelas forças de dominação de regimes políticos.

Percorrendo as produções Orwellianas, nota-se que a postura ideológica é muito marcante, uma vez que, ele não mascara as percepções do mundo e não se deixa corromper pelas proposituras políticas. Sua forma de escrita consiste em debruçar sob os assuntos de seu interesse, inclusive, muitas vezes optou em vivenciar certas experiências para que assim pudesse ter mais verdade no que escrever (lutou na guerra Espanhola na Catalunha, viveu como mendigo entre outros fatos), é nesse mesmo sentido que critica os textos que apenas juntam palavras e não pensam no conteúdo em si. Os escritos orwellianos, a partir de 1936, dissertam sobre a ideia contrária ao totalitarismo e o favorecimento ao socialismo democrático.

Esse senso político e ideológico percorre toda a produção da obra *Animal Farm* publicada em 1945, traduzido no Brasil com o título *A Revolução dos Bichos*. Trata-se de uma alegoria, do contexto pós-Revolução Russa, através de um enredo em que os

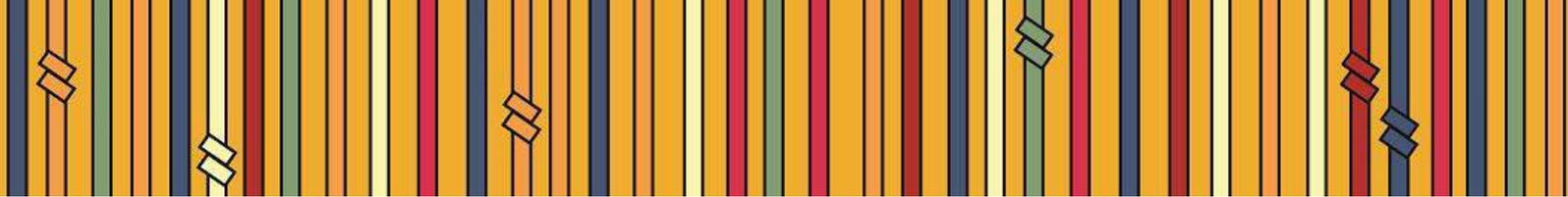


animais arquitetam um ataque para se libertarem do poder de dominação dos humanos. Um grupo, liderado por porcos, resolve expulsar o proprietário da fazenda, o Sr. Jones, para que assim pudessem viver sem vestígios humanos, proibindo toda e qualquer ação que assemelhasse com as atitudes dos homens, por exemplo: usar roupas, dormir em camas, beber álcool e matar seus semelhantes. Paulatinamente, essas proibições, que são reunidas em sete mandamentos, vão sendo quebradas pelos próprios líderes, resultando no fracasso da manifesto.

No contexto brasileiro, Francisco Buarque de Hollanda, dramaturgo, músico e escritor, apresenta um histórico de intensa produção de cunho social e político. De família de intelectuais influentes no cenário brasileiro, Chico amadureceu a sua consciência intelectual e cultural em um cenário marcado pelo autoritarismo, mais precisamente, nos de 1964 a 1985, quando o país vivenciava o regime militar. Os registros desse período mostram que a censura e a tortura foram intensificadas, sobretudo com a instalação do Ato Institucional nº 5 que previa inúmeras medidas, a fim de instalar a ordem no país, proibindo atitudes contrárias ao governo. Exílios e torturas foram aplicados aqueles que se manifestaram.

Foi sob esse clima que Chico desenvolveu suas produções, comportando-se como um denunciador de atitudes arbitrarias do governo vigente e também da inércia do povo diante de tais atitudes. *Fazenda modelo: novela pecuária* (1974), escrita no momento quando o artista estava exilado na Itália, é um exemplo de produção de caráter crítico do autor, uma vez que ela projeta as formas de dominação social em uma comunidade bovina liderada pelo boi Juvenal. Os demais bois e vacas da comunidade são submissos aos mandos do líder, aludindo ao que acontecia na sociedade brasileira da década de 1970; ou seja, as pessoas obedeciam às regras do governo vigente, por medo da repressão e das torturas a que eram submetidas. A obra situa-se nos anos marcados pelo “milagre econômico”, quando se intensificou o crescimento na economia em paralelo com a desigualdade social.

A partir dessas informações, percebe-se a existência de elementos que permitem comparar as obras *Fazenda Modelo* de Chico Buarque e *Animal Farm* de George Orwell. Na ocasião de publicação da obra brasileira, alguns críticos literários disseram que o autor se inspirou na fábula orwelliana para compor sua novela pecuária, em decorrência de uma série de fatores que aproximam as narrativas. Embora essas



questões estejam presentes na leitura das obras e efetivadas pela crítica, o escritor brasileiro nega este fato de maneira incisiva.

Adentramos pelo mesmo viés desses críticos, uma vez que os aspectos análogos e semelhantes aproximam as obras e nos faz notar a existência de um diálogo estreito entre os textos. Diante disso, a perspectiva teórica e metodológica que dá suporte para embrenharmos nessa investigação é a Literatura Comparada, sobretudo, porque é ela que nos faz entender que intencional ou não os textos podem comunicar entre si. Sob a luz do comparatismo literário é possível destacar aspectos interessantes entre as produções literárias.

***Animal Farm* de George Orwell**

Ao adentrar na obra *Animal Farm* chamamos atenção para a cena em que, após um sonho estranho, o personagem velho Major resolve reunir os animais e compartilhar com eles suas experiências; ou melhor, expor o que o mundo lhes ensinou.

Now, comrades, what is the nature of this life of ours? Let us face it, our lives are miserable, laborious and short. We are born, we are given just so much food as will keep the breath in our bodies, and those of us who are capable of it are forced to work to the last atom of our strength; and very instant that our usefulness has come to an end we are slaughtered with hideous cruelty. No animal in England knows the meaning of happiness or leisure after he is a year old. No animal in England is free. The life of an animal is misery and slavery: that is the plain truth. (Orwell, 1999, p. 5)²

Tal fragmento sintetiza como era a vida dos bichos; uma condição paupérrima e de extrema servidão. Dias após o discurso em favor da valorização dos animais, Major morre e os personagens *Snowball* e *Napoleon* assumem a rebelião. A primeira atitude tomada foi retirar o Sr. Jones da fazenda e criar uma postura “política” denominada animalismo. No entorno desse novo estilo de vida são formulados sete mandamentos para reger a conduta que os animais deveriam assumir. Com essa proposta, temos uma nítida ligação com o discurso religioso, por alusão aos Sete mandamentos das Leis de Deus. Observam-se abaixo, quais eram os novos princípios que deveriam ser seguidos.

² Então, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascermos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando, e os que podem trabalhar são exigidos até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. Nenhum animal na Inglaterra, sabe o que é felicidade ou lazer após completar um ano de vida. Nenhum animal, na Inglaterra, é livre. A vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua. (tradução de Heitor Aquino Ferreira. p. 12).

The seven comandments

- 1- Whatever goes upon two legs is na enemy.
- 2- Whatever goes upon four legs, or ha swings, is a friend.
- 3- No animal shall wear clothes.
- 4- No animal shall sleep in a bed.
- 5- No animal shall drink alcohol.
- 6- No animal shall kill any other animal.
- 7- All animal are equal. (Ibidem. p. 15-16)³

A criação do animalismo desperta para a valorização da condição animal, refletidas, por exemplo, através do hino e da bandeira produzidos por eles. No decorrer da narrativa, a premissa de que todos os animais são iguais e que era necessário se esquivar das atitudes humanas sofre transformações bastante significativas, sobretudo no aspecto político e no convívio social, uma vez que por certo período a vida dos animais era livre e feliz.

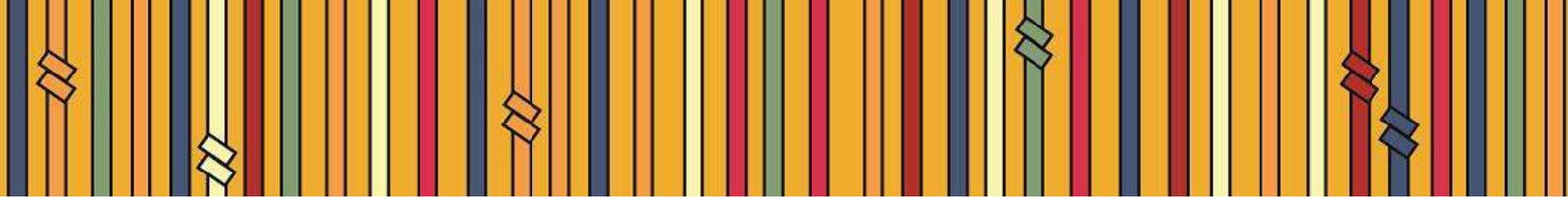
All throught that summer the work of the farm went like clock- work. The animals were happy as they had never conceived it possible to be. Every mouthful of food was na acute positive pleasure, now that it was truly their own food, produced by themselves and for themselves, not doled out to them by a grudging. (Ibidem. p. 17)

Os personagens Napoleon e Snowball apresentavam posicionamentos divergentes. Enquanto este almejava a difusão do animalismo para as demais fazendas, aquele apenas observava as atitudes de seu parceiro e com ajuda dos cães planejava um golpe para expulsá-lo. A partir disso, instaura-se um regime de autoritarismo na fazenda, como podemos ver na cena abaixo.

These scenes of terror and slaughter were not what they had looked forward too n that night when old Major first stirred them to rebellion. If she herself had had any picture of the future, it had been of a society of animals set free from hunger and the whip, all équa, each working according to his capacity, the strong protecting the weak, as she had

³ Os sete mandamento

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais. (tradução de Heitor Aquino Ferreira. p. 25).



protected the lost brood of ducklings with her foreleg on night of Major's speech. (Ibidem. p. 50)⁴

De fato, essa cena é caracterizada como terror, uma vez que as propostas iniciais do animalismo vão sendo quebradas e os porcos vão se tornando ditadores, ludibriando os animais e mascarando a realidade perversa e escravista. Ao traspor esses episódios para a realidade social e histórica do contexto em que a obra está inserida, encontramos uma narrativa centrada nos anos marcados pela Segunda Guerra Mundial e a crise econômica de 1929. Tem-se, desta forma, a Revolução Russa que previa a instalação de um regime socialista criado por Lenin. Ao mesmo tempo em que ocorreu um grande desenvolvimento nesse período, houve também a instalação de um regime ditatorial que agia contra os opositores. Trotski e Stalin disputavam, com posturas e objetivos diferentes, o poder e a liderança do partido Comunista, porém Stalin vence a disputa e Trotsky é assassinado. Sobre a Revolução Russa, Eric Hobsbawm (1995) refere a ela como uma Revolução Mundial, e que, portanto foi o evento mais marcante do século XX. Segundo ele, essa revolução, “foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo a Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial” (p. 63).

Como podemos observar na fábula de Orwell, isso realmente se concretiza pela presença dos personagens. O velho Major representa Marx com seu posicionamento em prol dos operários. Snowball e Napoleon simbolizam respectivamente, Trotski e Stalin, ao passo que o animalismo é responsável por desenhar o comunismo.

É oportuno destacar a presença de dois seres ficcionais, Boxer e Clover. O primeiro simula aquele que trabalha de forma pesada almejando uma vida melhor para si e para todos, ou seja, possui características que deveriam ser inerentes a um líder; no entanto, ele se torna um ser submisso, pois não detêm o conhecimento necessário para se posicionar criticamente em relação à situação de escravidão vivida. Clover, ao contrário, detêm do conhecimento, sabe ler e chega até a suspeitar das atrocidades cometidas, mas se cala. Na tentativa de fugir das agressões dos humanos os animais caem em um regime de extrema servidão, muito pior do que antes. Esse fato concretiza-

⁴ Aquelas cenas de terror e sangue não eram as que previra naquela noite em que o velho Major, pela primeira vez, os instigara à rebelião. Se ela própria pudesse imaginar o futuro, veria uma sociedade de animais livres da fome e do chicote, todos iguais, cada qual trabalhando de acordo com sua capacidade, os mais fortes protegendo os mais fracos, como ela protegera aquela ninhada de patinhos na noite do discurso do Major. (tradução de Heitor Aquino Ferreira. p. 25)



se com a morte do personagem Boxer que teve sua vida ceifada de tanto trabalhar para conquistar uma melhor condição.

Na ocasião da publicação, *Animal Farm* não obteve uma boa receptividade pelo público devido ao teor político que emanava de suas páginas. Vejamos o que Brunsdale (2000) salienta sobre a obra:

On the surface, the story of barnyard beasts who revolt against their cruel master in order to run their own society is so simply told that it can be enjoyably read by youngsters, who respond enthusiastically to Orwell's obvious affection for animals, but it can also be read as a clever and powerful political satire of Stalinism and as a sophisticated allegory warning against the dangerous abuses of political power and the necessity of placing limits upon it. (p. 122)⁵

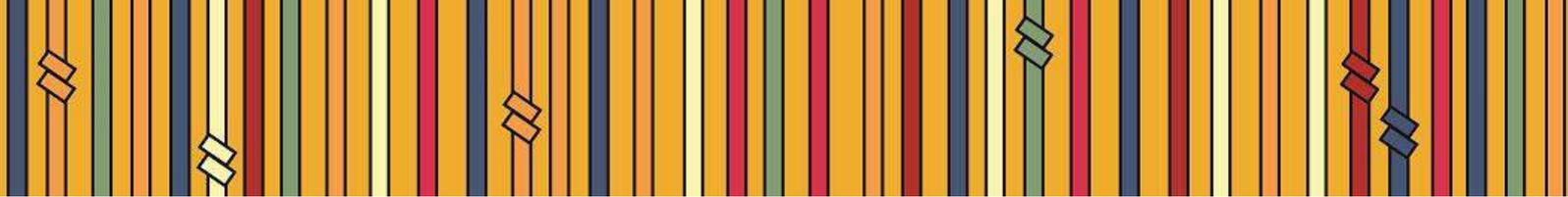
Com essas ideias, podemos dizer que *Animal Farm* não é apenas uma fábula, mas uma narrativa que representa todo um momento político, aliás, Orwell considerava que esta foi a primeira de suas obra que conseguiu fundir os planos artísticos e a política. Seu objetivo de fato, era escrever um texto que denunciasse a União Soviética e que fosse fácil de compreender e de traduzir.

Fazenda Modelo de Chico Buarque

Através de uma alegoria do Brasil da década de 1970, em *Fazenda Modelo*, todos os personagens são bois e vacas, assumindo posições humanas através de uma ambientação que remete ao cenário brasileiro da época. A esses animais são atribuídas características e ações humanas, o que solidifica a crítica social que emana da obra. A Fazenda se transforma em um verdadeiro espaço ditatorial, onde a figura de Juvenal, “o boi-mor, o Justo, o Tenaz”, exerce o seu poder em nome da tecnologia e, conseqüentemente, do desenvolvimento.

Semelhante ao que acontecia no Brasil, mais especificamente o fato dos presidentes se valerem de um discurso em nome do progresso e agirem de maneira violenta contra os manifestantes opositores aos ideais estabelecidos para o país, Juvenal também mantinha essas características de controle; e tinha como aliados seus correligionários. As marcas do poder regulador instalado por este personagem são

⁵ Na superfície, a história de um curral de animais que se revoltam contra seu mestre cruel para criar a sua própria sociedade é tão simples que pode ser lida por jovens, que respondem com entusiasmo a afeição óbvia de Orwell para os animais, mas também pode ser lida como uma inteligente e poderosa sátira política do stalinismo e como uma sofisticada alegoria contra os abusos perigosos de poder político e da necessidade de colocar limites sobre ela. (tradução nossa)



expressas em diversas passagens da narrativa, como podemos observar no trecho abaixo:

Depois do pronunciamento a tela mágica permaneceu ligada. O próprio Juvenal disse que era um modo da gente se habituar à linguagem e às imagens dos novos tempos. Manter o povo instruído e ilustrado do que se passa lá em cima: a lua, os tratores, as pastagens de acrílico. E vai dando uma inveja na boca do povo, uma inveja sadia de também querer as coisas boas. (BUARQUE, 1975, p. 35)

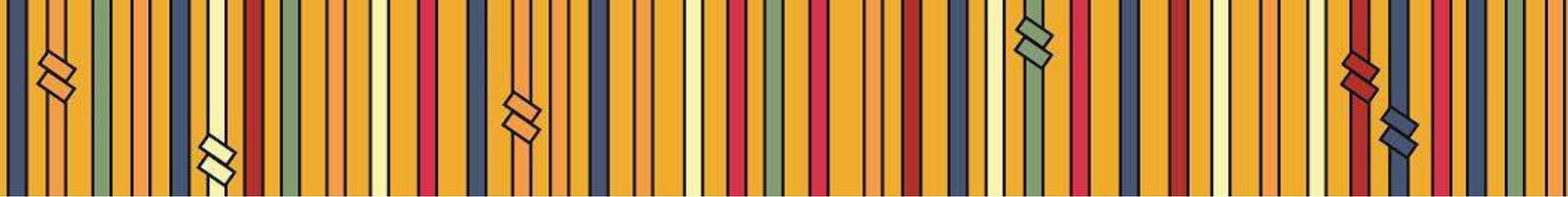
É notório o poder coercitivo de Juvenal, bem como os artifícios utilizados para a manipulação ideológica, como exemplo a Tela Mágica, em que veiculava elementos ligados às técnicas modernas de pecuária, compartilhando questões de interesse do Boi mor. Ao adotar um novo modelo de reprodução, o personagem Juvenal atribui somente ao Boi Abá a atividade reprodutora, privando os animais de copularem ao ar livre. Essa escolha foi baseada nos manuais lidos pelo líder, em que as características de um bom reprodutor foram refletidas na imagem de Abá.

O primeiro cuidado de um administrador deve ser a escolha rigorosa do semental. El tipo tamaño, rusticidade, constitución, raza, masculinidade, pedigree, certificados de salud, reputación, son los factores principales al seleccionar un reproductor. Traduzindo: Abá. “Um semental que transfira seus dotes à prole, estampando nela sua cor.” Juvenal atualizava seus conhecimentos com os livros que fizera importar. (Ibidem, p. 39)

O processo se dava de modo mecânico tecnicista, a partir da coleta de sêmen, órgãos artificiais, massagem retal e a eletroejaculação, sem a necessidade de um contato íntimo entre o boi e a vaca. Abá, então, foi privado de se encontrar com sua amada Aurora, pois a ele caberiam apenas as atividades de reprodução.

Os touros devem trabalhar no período limitado denominado estação da monta: de abril a junho. Ora, estamos em janeiro e Abá fica muito excitado com o calor. Fica querendo encontrar Aurora para lhe jurar que não tem nada a ver com aquilo, que está vigilante e fiscal, que ama Aurora e Aurora não o mal-entenda [...]. (Ibidem, p. 40)

Esses personagens, apesar do sentimento que os une, representam agentes contrários na sociedade onde imperava a opressão; pois enquanto Abá demonstrava os seres conservadores e submissos aos mandos do poder, Aurora se comportava enquanto instrumento de libertação da realidade vivenciada.



Abá, além de ser o “Boi modelo” para a reprodução, é também a figuração de como o poder pode transformar; diferentemente, de Aurora, “mãe do ano”, ligada ao coletivo, ao seu grupo. O distanciamento físico e sentimental entre esses personagens se torna a metaforização das distinções entre os seguidores conservadores e aqueles que lutam pela classe oprimida. Os filhos de Abá e Aurora são Latucha e Lubino, “gemeozinhos realengos, nata da nata da Fazenda”, que embora tenham sido educados para serem iguais aos pais, esses gêmeos apresentam características muito distintas.

Latucha fora ensinada a ser um modelo para outras vitelas, por isso gostava da ideia de ter que seguir os mesmos passos de sua mãe. Essa personagem é um dos ideais de progresso da fazenda, o que significa um ser controlado pela política vigente, que segue as regras que lhe são dadas. Já Lubino é o oposto da irmã, pois não havia nele o desejo de ser como o pai Abá, mas sim um espírito de rebeldia e resistência às imposições de Juvenal. Ele almejava somente ser um boi.

Lubino só se ensaiava para boi. Se possível igual a Juvenal, que ele já imitava no andar cabisbaixo e no olhar que não indaga. Logo saberia transmitir recados. Saber ia dizer sim para cima e dizer não para baixo, que assim é que se promove e assim é que se sustenta. Igual a Juvenal, não tinha querências ou preferências, nem aborrecia o toureiro. Diferente de Juvenal, só aquela tralha entre as virilhas que Lubino não suportava. Incomodavam, pesavam, ocupavam espaço e, pior, os troços cresciam a olhos vistos. Pretendia esmagá-los contra o poste. Farpava-os contra o arame. Dobrando-se, Lubino planejava mastigar os próprios testículos. Por isso, querendo irritá-lo, bastava dizer o seguinte:

— É a cara do pai quando jovem. (Ibidem, p. 96)

Nota-se que a negação em ser um grande reprodutor é materializada no incomodo ao ver e sentir seus órgãos genitais. O espírito de resistência culminou na morte de Lubino. Esse episódio é descrito de forma bastante extensa e nele podemos perceber os inúmeros atos tortuosos que se deram nesse período da ditadura, em que muitas pessoas foram mortas e torturadas por resistência a situação política. O Governo se manteve no poder usando da força bruta. Viam-se, nos porões da Ditadura, inúmeros atos tortuosos que eram utilizados para silenciar a voz daqueles contrários a política vigente. Temos, ao longo da história, relatos de várias pessoas que sofreram a tortura e alguns que morreram nos bastidores do sistema.



Diante dessas questões, podemos dizer que os elementos com os quais *Fazenda Modelo* foi construída atribuem característica de resistência do texto, mediante ao contexto histórico vivido. Na obra, há um plurilinguismo materializado no aspecto formal e contedístico.

Animal Farm X Fazenda Modelo

Ao nos depararmos com *Animal Farm* e *Fazenda Modelo*, a primeira semelhança que podemos identificar é o fato de ambas utilizarem animais para criticar o homem. Como ruptura entre os textos podemos citar que, a novela buarqueana denota um espírito saudosista para a volta de um modelo social que antes satisfazia às necessidades dos habitantes da fazenda, diferentemente de *Animal Farm* onde os personagens lutam para não voltar à vida de antes.

Nessa direção, ambas as obras apresentam-se no plano distópico, pois tem a ficção baseada em governos totalitários, em que visualizamos inicialmente um modelo ideal de sociedade, que se transforma em detrimento do exercício de poder por parte de uma instituição pública ou política. *Fazenda Modelo* e *Animal Farm* filiam-se a esse plano, pois figuram uma sociedade controlada de maneira severa por um determinado representante político, proveniente de um regime totalitário. Assim, autoridade, poder, violência se tornam constantes nos enredos.

Em linhas gerais, fica expressa a intersecção dos planos literários e ideológicos em tais narrativas, em que o poder regulador do Estado é mantido através de atitudes severas que ferem os direitos dos personagens (animais representando os seres humanos). Vejamos que na narrativa brasileira, Juvenal é chamado de “o boi-mor, o Justo, o Tenaz”; em *Animal Farm*, Snowball recebe as denominações: “Father of all animals, Terror of Mankind, Protector of the shelpfold, Ducklings friends”. Atentemos para o fato de que nessas palavras encontram-se os sentidos trazidos pelos regimes totalitários, em que há sempre um ser atuando como articulador do poder, e para que isso se efetive vale-se de artifícios autoritários que causam medo e terror.

Desse modo, pode-se notar o caráter alegórico e as simbologias que corroboram para compreensão de imagens do Brasil na novela Buarqueana; em direções semelhantes, mas com diversas rupturas, a obra de Orwell constrói imagens de um episódio da história soviética, por meio de um discurso alegórico. Essas obras estão inseridas em um espaço de articulação entre o plano estético da arte, com o elemento

sociocultural e político da sociedade; fatores que possibilitam aguçar a consciência crítica dos leitores.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. São Paulo: Ed. Duas cidades, 2012.

_____, Theodor. *Teoria estética*. Madrid: Taurus, 1971.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

_____, Walter. *Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura*. [Obras escolhidas, v.1]. São Paulo: Brasiliense, 1984.

AGAMBEN, Giorgio. *The Open: Man and animal*. California: Stanford University Press, 2004.

BRUNSDALE, Mitzi M. All animals are Equal, but... Animal Farm. In: *Student Companion to George Orwell*. Library of Congress Cataloging, 2000

BUARQUE, Chico. *Fazenda Modelo: novela pecuária*. 5ª edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOBBSAWM, Eric. A Revolução Mundial. In: *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed.1995.

ORWELL. George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

_____. *Animal Farm: a fary story*. London: Penguin Student editions, 1999.

_____. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARTRE, Jean Paul. A republica do silêncio. In: Revista de Letras, Vol. 1, No 1 (2009). Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/9>. Acesso em: 05/08/2017

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura*. São Paulo: ÁTICA, 1969.